



Nota de Abertura

Rosa Neves Simas
Presidente da Mesa da Assembleia da UMAR

Questões de Género no Século XXI: Parte IX

Vivemos, neste outono do nosso descontentamento, numa era em que o feminismo é, ao mesmo tempo, abraçado e contestado. Falamos como se fosse óbvio que as mulheres têm direitos e merecem respeito, mas as desigualdades persistem e a retaliação de homens contra os avanços conseguidos (designada *backlash* em 1992 por Susan Faludi) agora, nesta era digital, até tem um nome próprio: *Manosfera*.

Numa entrevista na Feira do Livro de Leipzig, a jornalista alemã Susanne Kaiser, autora de “A Revolta do Homem Branco” (editora Zigurate), falou deste submundo de ressentimento masculino na Internet, que reúne homens revoltados com a conquista dos direitos femininos, uma misoginia reacionária interligada com outras estruturas de dominação que, saltando do mundo digital, procura reforçar o poder do patriarcado.

Ao refletir sobre as raízes deste revanchismo digitalizado, explica que o patriarcado está na base das nossas sociedades capitalistas neoliberais, onde a acumulação de riqueza tem levado às fortunas estratosféricas de uns e à crescente desigualdade da maioria, enquanto as carreiras masculinas prosperam e as mulheres fazem o trabalho não remunerado de cuidar.

Diz, também, que esta violenta reação antifeminista se deve ao facto de o feminismo ter mudado a consciência coletiva – talvez não dos homens, mas das mulheres – e de a pluralidade e diversidade serem valores novos. Houve uma grande mudança de mentalidade para muitas mulheres, o que explica o grande fosso entre homens e mulheres nas gerações mais novas. Elas são progressistas, inovadoras; eles, conservadores, revanchistas.

O que este homem quer é manter o poder, cada vez mais inflacionado pela acumulação de capital, muito capital. O resto que se lixe! Basta lembrar o magnífico trio que se reuniu, no dia 18, neste outono, na Casa Branca. ■

Violência Sexual nas Relações de Intimidade: O Silêncio que Persiste

A violência sexual nas relações de intimidade é uma das formas mais silenciadas da violência de género, apesar das graves consequências que provoca. Muitas mulheres vivem com medo, vergonha e culpa, enfrentando sintomas de depressão, ansiedade e outras perturbações associadas ao trauma.

A violência deixa marcas profundas no corpo e na mente, refletindo-se em dificuldades na sexualidade, no consumo de substâncias e, em situações extremas, em tentativas de suicídio ou homicídio. Em Portugal, não estão disponíveis dados que revelem a verdadeira dimensão deste fenómeno, mas estudos internacionais estimam que entre 5% e 37% das mulheres o experienciam, podendo atingir cerca de 50% em populações específicas.

Esta forma de violência ocorre em contextos onde se espera confiança e cuidado. Por isso, é muitas vezes desvalorizada ou confundida com algo “normal”. A dependência emocional e económica, as dinâmicas de poder, as crenças patriarcais, os estereótipos de género e o medo

de ser descredibilizada contribuem para o silêncio e a invisibilidade do abuso.

As suas consequências ultrapassam a experiência individual da mulher. Quando há filhos, os impactos estendem-se à parentalidade e ao desenvolvimento das crianças. O trauma pode atravessar gerações, afetando o bem-estar emocional, a perceção de segurança e

a forma como se constroem relações futuras.

Apesar da sua gravidade, a violência sexual nas relações de intimidade permanece ausente de muitas políticas públicas, investigações e respostas de apoio. É fundamental reconhecê-la, desconstruir os mitos que a rodeiam e garantir respostas institucionais informadas pelo trauma, centradas na seguran-

ça, na escuta e nas necessidades das vítimas.

Tornar visível o que tantas vezes é vivido em silêncio é um passo fundamental para transformar práticas, promover a igualdade e construir relações verdadeiramente livres de violência. ■

Cristiana Santos

Doutoranda em Psicologia pela Universidade do Minho



Janela para o Futuro

Mário Roberto
Artista e Criador Digital

Na Defesa dos Direitos de Seres Humanos Como Eu

Sempre estive perto de mulheres. Primeiro a minha mãe e a minha irmã, as minhas avós; depois uns anos mais tarde, as colegas de escola, e ainda mais tarde, namoradas e companheiras de vida. Amigas.

De todas, a minha mãe foi quem mais me entendeu. Até falecer há poucos anos, pude contar sempre com o seu apoio. A vários níveis. Uma das minhas mais antigas recordações é o doce aconchego do seu

peito, a abrangência do seu abraço nos momentos de fragilidade que eram muitos. Esse amplexo maternal ecoou em mim desde sempre.

É certo que a minha relação com as mulheres foi feita também de momentos de tensão, não por serem mulheres, mas por sermos humanos. Não concebo um mundo sem o seu contributo, nem aceito uma sociedade que as despreze. Nem compreendo os recentes movimentos misóginos que arrastam jovens e menos jovens em preceitos arreda-

dos duma sã sociabilidade e natural sexualidade.

Vejo a violência doméstica à luz da conflitualidade humana, mas repudio-a. Acredito no entendimento, na busca pelo equilíbrio. No diálogo. Na concórdia. Não se ama uma mulher num momento, e no outro enfia-se-lhe uma faca no ventre.

Não podemos baixar a guarda na defesa dos direitos, não só das mulheres, mas também de quem é mais vulnerável, seres humanos como eu. ■